

FRAGMENTOS DE UMA HISTÓRIA NÃO-ACONTECIDA

(OU EXERCÍCIOS PARA UMA DESPEDIDA)

FRAGMENTS OF A NOT HAPPENED STORY (OR EXERCISES FOR A
FAREWELL

Luciana Borges

*Encostei-me a ti, sabendo que eras somente onda.
Sabendo bem que eras nuvem, depus a minha vida em ti.*
Cecília Meireles

[segundo um]

Eu seguraria sua mão tão delicadamente, quase como um roçar. Longas mãos magras, mas pequenas como de criança, dedos finos, as sempre unhas pintadas de escuro quase vermelho. Você pensa meus olhos cansados e a as veiazinhas azuis na estreita faixa de pele abaixo dos meus olhos que você não tem e retira de mim, do meu rosto, um cílio partido e perdido no espaço entre a boca e os olhos. Eu digo a você o corpo morto do outro que me prende impede de dizer as coisas; a você, essa mulher viva na minha frente nessa manhã em que eu penso o corpo outro do morto que não morreria da *causa mortis* dele, mas de uma morte não anunciada surpreendente. Insensatez, uma morte que prenuncia outra morte, menor e mais acanhada mas morte, isso eu sei que você pensaria sem nunca dizer.

Você pensa mas eu não posso saber que você pensa. Eu, o homem da vida interdita, só saberei quando você me mandar a página, se você me mandar a página que contém o texto em que você ficcionaliza tudo. Você pensa nesse exato momento: Estranho, pai que morre no nascimento de um marido. Tomar um lugar de pai, mesmo sem querer. Querendo?

Eu não penso essas coisas, mas você, seu vício de análise relacional, você sim, você pensa, inevitavelmente: como a vida de algumas pessoas é insuportável transbordante de símbolos. Um desperdício porque imperceptível para elas próprias, a elementaridade da vida cotidiana, seus dias após dias, inertes, refohados como pequenos repolhos que nunca se abrem depois de formados e só exibem seu interior quando cortados ao meio, as metades estriadas.

[dois]

Ela pede milhões de vezes e já cansa de pedir de implorar um espaço-tempo na agenda dele, a agenda de uma vida interdita. Ela não sabe pedir coisa alguma. Ela que manda e-mails e

mensagens de celular e textos e arquivos de computador e um cd e um sorriso de dentes perfeitos e olhares de pálpebras rasíssimas e visitas de trabalho repetidíssimas e chocolates numa caixa e um presente-livro de poemas, o primeiro, com embrulho casual de plástico transparente. Mas o que há é um buraco negro em que a única possibilidade perde-se em uma noite chuvosa. Mas é isso: quem chega por demais atrasado perde mesmo a despedida. Ela quer se despedir entretanto, entretanto o tempo das despedidas parece também ter passado e o que há é um ir-embora-sem-dizer-nada. Apenas escrever depois um texto de desculpas para ficcionalizar tudo e imaginar de novo uma praia com naus sempre partindo e mães esposas filhas acenando com seus lenços molhados da água salgada, o mar dos olhos o mar do mar mesmo que o mar uma longínqua lembrança de um dia de dezembro ou uma simples superfície de asfalto alagada aos poucos pela chuva fina.

[três]

Se eu fosse me despedir, deixaria que você me tocasse de leve a mão, um leve roçar. Com sua mão quase branca, acima, no pulso, os elos de prata. Se eu fosse me despedir, levaria o segundo livro embrulhado de preto, as palavras pe(n)sadas com muita antecedência para não se perderem e também embrulhadas cuidadosamente no macio invólucro de carne da garganta. Eu lhe daria o livro negro na mão quase branca um pouco abaixo da pulseira de prata.

[quatro ou uma voz *in off*]

Sim, eu os via sempre. Sempre que o vento agitava as folhas do algodoeiro nas manhãs de segunda-feira ou terça. Mas isso foi depois. Ou nas tardes de quase todos os dias, a água do lago ao fundo perto do hotel e outras pessoas que também andavam por ali. Ou nas noites de todas as noites. *Ab imo corde*, eu sei que os vi com esses olhos que não vêem o de sempre, mas que quando vêem sabem o que vêem. Sim, o algodoeiro embaixo da grande árvore na entrada do prédio, tão deslocada a pequena pobrezinha arvorezinha. Sim, eu os via: ou era nos dias de chuva pelos corredores não cobertos, as mãos na cintura e nas pastas de livros, os corpos colados sob o guarda-chuva. Confesso, *ex professo*, que os via sempre, e no dia em que ele roçou de leve a mão dela antes que a pulseira de prata tocasse o preto do livro, eu também via; e os outros que andavam por ali também viram. Eu nunca afirmo nada sem propriedade, ninguém aqui afirmaria, porque esse é um espaço de doutos e sérios saberes. Minhas observações vão sempre ao fundo da questão e eu consulto várias fontes teóricas e críticas para defender ou refutar minhas próprias teses. Eu jamais afirmaria algo que não pudesse contatar pelo mecanismo da *autópsia*. Ah, era sim

uma despedida. Era a luz do sol que fazia cintilar o anel dourado na mão esquerda dele quase branca ou era a luz baça dos postes do estacionamento debaixo da noite, a garoa fininha.

Oh, sim, eu os via sempre. Os dois sabendo que esta vida estava perdida para ambos. Ela mais do que ele. Ela parecia saber mais a dor, mas isso, um outro terá que provar já que, da posição em que me encontro, não poderia sustentar com rigor essa verdade da aparência, os sentidos sempre platonicamente enganosos, vocês não sabem? Eu careceria de maior tempo de observação, mas a despedida me roubou esse precioso tempo, abortou meus resultados. Meus olhos viram, e haviam visto também o dia em que um cílio partido se perdera entre um olho e uma boca, indo parar entre as dela sempre unhas pintadas de escuro quase vermelho. Sim, sim, eu os via. Ela se deteve ao ouvir o próprio nome, não foi? As modulações da voz conhecida chegando-lhe já com uma inflexão de desculpas. Deteve-se com um giro de cabeça, os cabelos caindo no rosto. Eu ouvi quando ele disse as palavras. Eu ouvi quando lhe revelou o corpo morto do outro e anunciou-lhe a morte inexorável de todos os planos dela.

[outro três]

Porque me sobraram facas e farpas, escrevo palavras pontiagudas e lanço-as ao ar frio da noite que parece nunca acabar. Persigo sua densidade improvável, desenho nuvens iguais a você sem saber que conseguiria jamais a leveza. Porque desejo rugir impropérios sem nunca, a aparente calma acima da lava, o rosto imóvel de sorriso de pedra. Ter um dia gostado de não dizer não me atinge. Ando dizendo com veemência, porque não posso eu os fios esparsos de sua barba e as pequeninas veias azuis sob os seus olhos. Porque não posso eu suas unhas dos pés nunca vistos e as asas amplas do seu riso. Porque não posso o seu perto, o seu próximo. Porque não posso dizer que não posso ser sua amiga sem que algo se parta em mil cacos, as pontas pontiagudas dilacerando a pele que parece grossa, mas é diáfana como musselina simbolista. Não ser a mulher do lado do leito e do lado da vida e da morte. Ser apenas aquela que se despede com um livro embrulhado de preto.

[cinco ou outro um]

Nós não podemos simplesmente decidir que não há nada. Você quer deliberadamente decidir que não há nada e fará isso me dando o segundo livro embrulhado de preto. De qualquer modo é difícil lidar com um não-acontecimento. Você nunca me disse que houve uma febre e uma aceleração de batimentos cardíacos e a temperatura do corpo alterada por dois dias depois daquele telefonema, o médico inevitável e tal. Se os telefones não tivessem sido inventados e nem a internet e nem as mensagens de celular, as pessoas seriam obrigadas a se falarem sempre de

perto. Eu te diria que fujo (?), posto que um evento como este que se avizinha é capaz de reordenar tudo a volta de mim. Nós e as nossas estratégias de fazer de conta que as coisas estão sob controle, e então elas estão. Este curso vai acabar e então marcaremos a nossa aquela conversa. (Mas o corpo morto do outro – sim, há um morto, há uma esposa, são meus, nada posso eu fazer – chamaria as costelas expostas, a realidade). A realidade é sim costelas expostas, a existência de um acontecimento abortado. Um encontro perfeito uma vez que adiado para uma outra vida, quando o esquecimento e a trivialidade se alastrarem sobre tudo o que não aconteceu. Mas você não pode ignorar que eu o livro primeiro não me saiu das mãos, a voz daquelas que cantam o livro se entranhando soturna nos dias antecedentes, eu te escrevi, você sabe. E dizer que não há conversa nenhuma, você faz bem em entender isso, você faz bem em aparentemente não sofrer tanto. Apenas uma despedida sem palavras e um livro segundo embrulhado de preto.

[dois.um]

Ela nascera sob o signo de capricórnio. Um dia descobriria a cabra com rabo de peixe, emblema de capricórnio, e não a abandonaria mais. O que falta de estabilidade na cauda, sobra nas patas firmes, sempre no chão, presas da terra, mesmo que esta se incline em um morro, ou se dissolva em uma laminha inevitável nas noites de garoa fininha, ou numa areia movediça encharcada à beira de um mar. Há escamas esverdeadas e brilhantes que funcionam como um espelho de cristais na superfície da pele e a moleza dessa carne branca de peixe. Há o pêlo opaco e os chifres duros e tesos na escuridão subterrânea da acidez do humor, prontos para perfurar o que venha, dor ou alegria, e dizer adeus sempre que seja mais necessário que permanecer ligada a um não-acontecimento.

[dois.dois]

Ela quer lhe dizer que vai embora porque o que ela descobriu sobre si está lhe doendo um pouco. Uma dorzinha frágil, capaz de ser degolada com um golpezinho de faca de mesa, mas dor. Uma dorzinha frágil, capaz de passar com a primeira semana de afastamento, mas capaz de permanecer impassível sempre que um riso ou um passo se parecer com o dele, sempre que se abrir uma janela do vizinho, sempre que ela andar perto do lago. Sempre que ela olhar a caixa de entrada de seus e-mails e ele não estiver por lá, enviando fotos de um mutilado extático ou seu último artigo a ser publicado ou manuais de alemão em pdf para ela morrer de rir ou marcando encontros-conversas que não acontecerão.

Ela quer lhe dizer que vai embora porque não pode mais esperar que ele tenha sempre esse mesmo tempo inexistente para ela. Ela quer lhe pedir que a perdoe se lhe coloca palavras na

boca, como um ventríloquo, porque ela apenas sabe escrever a si própria. Mesmo quando tenta falar de outras coisas, ela só escreve a si.

Ela quer lhe dizer que vai embora porque qualquer outro que dela se aproxima fica eclipsado por essa ocorrência singular, embora ele não seja responsável por nada.

Ela quer lhe dizer que vai embora porque quando ele a abraça seu corpo é tão conforme com o dela que ela fica querendo seu cheiro seu gosto seu peso. Porque às vezes não ouve o que ele diz, e apenas respira seu desejo, veste ténue tateando a pele fina, as pequenas pintas pretas ondulado sobre o rosto, sobre o colo.

Ela quer lhe dizer que vai embora porque ele é *Adorável*, no sentido barthesiano do termo. E se ele não conhecer esse texto ela lhe dará uma cópia ou lerá para ele modulando sua voz com o cheiro de mil estrelas em uma manhã de segunda-feira ou terça quando o vento agitar as folhas do algodoeiro perdido entre os carros e a árvore imensa na porta do prédio de livros e de administradores e de departamentos.

[a mesma voz *in off*]

Não, não, espere. Ninguém pode contar uma história assim. É necessário um mínimo de método, mesmo que se diga que nesse pós-tudo, mesmo que se diga que deus e o pai e todas as narrativas mestras estão mortas, mesmo que se tenha abolido as cadeias de tempo e espaço e mesmo que todos já estejam acostumados com a desordem. Ela passou a noite inteira lendo Elizondo, e foi nisso que deu. Em vez de cem pedaços (apenas cem), agora temos uma miríade de partes cacos de osso tocos cotos nem sempre ensangüentados (porque há todo um método para não derramar sangue nesses acontecimentos funestos que envolvem as despedidas que ela domina muito bem). E vocês devem se lembrar, nunca se esqueçam, de que ela é a cabeça animal mais racional do zodíaco, capaz de lidar com o sangue jorrando como suco de groselha e membros mutilados como inocentes ex-votos de cera de abelha. Mas o que temos afinal é uma história simples de não-acontecimento, pelo fato também simples de que nessa encenação de uma narrativa de encontro, um dos atores | amantes chegou atrasado demais e perdeu até mesmo a despedida.

Mas ela vai organizar. Eu vou dizer a ela da necessidade de um método. Eu vou dizer a ela que não se pode afirmar nada sem consistência, a revisão bibliográfica necessária, a fundamentação e a prova. E vou dizer também que ele vai julgá-la louca e desvairada ao perceber que ela ficionaliza tudo, tudo em desordem. E dará graças a deus (?) que ela, a louca, tenha ido embora. Ela vai aceitar e para isso vai reproduzir no início um texto de desculpas porque este, acho, este explica tudo desse não-acontecimento desde o princípio, afinal o que temos de novo, vocês devem ter percebido, é uma grande partida de pequenos navios antes do meio do ano e que não

retornarão no início de agosto quando as férias de julho já estiverem acabadas (Essa parte ele poderá suprimir porque ele já conhece e eu também; sim, eu sempre os via juntos, mas um expectador anônimo e iniciante não poderia prescindir da leitura e ela poderá também ter alterado pequeninos detalhes). Ela vai aceitar porque teme, isso vocês sabem, ela teme que tudo não tenha jamais existido.

[primeiro um]

E ela olha o barco desaparecendo ao longe desde quando se lembrava de ter sido sempre terra terra terra as patas de cabra fincadas no chão em contraste com a pequena cauda de peixe lembrança de uma longínqua instabilidade aquática Ela quer tocar a borda do mar quer que a onda a leve para perto mas as patas temem a areia que tão molhada parece movediça Está muito alagado melhor você não ir até lá Ela quer aceitar a chuva fininha que cai sobre os cabelos dele e dizer-lhe ao ouvido que não suporta esperar outra vida que o quer nesta vida mesmo mesmo que a luz baça faça cintilar-lhe o anel dourado no dedo anular direito e mesmo que a viagem já esteja marcada para agora agora agora a boca aberta não diz o que os lábios fechados gritam.

Porque ela sabia que esta fosse talvez a última vez que se veriam e decidiu dar-lhe um presente-livro de poemas Assim porque eu tenho dois repetidos A cauda se agita levemente e as escamas esverdeadas cintilam enquanto ela escolhe o plástico transparente para o embrulho que parece casual arrematado com a fita dourada em cima da mesa enorme e anacrônica da sala do departamento de muitos anos antes e cadeiras e conversas sobre o naufrágio das informações e das pessoas totalmente desimportantes.

Ela olha novamente o barco que se afasta e quer nadar até lá lembrando-se de que possui algo de peixe mas o pêlo opaco lhe gruda nas costas e lhe traz a lembrança do que nunca aprendera Não eu não vou mudar de idéia A boca diz já se arrependendo e porque vai cultivar o que nunca pode ter sido porque para sempre chegara atrasada perdendo a despedida e o agitar dos lenços nas mãos das mães esposas filhas que choram juntas seus amados para sempre partindo e que não retornarão no ano seguinte depois das férias de janeiro quando a chuva e o frio já tiverem ido embora e o anel dourado estiver trocado de mão.

Ela olha seus próprios pés-patas pisoteando o limite seco que a afasta cada vez mais na direção contrária ela quer lhe dizer que leia especialmente Os dez chamamentos ao amigo quando Mas então você acha que a história acaba assim há tempo há tempo há tempo Agarrada à alça da bolsa não há como saber agarrada a um corpo que tremia indeciso mas colado ao corrimão da amurada e que saltava para dentro do lugar mais seguro ao abrigo da chuva Não faça essa cara Você entende que eu não posso o simples desejo de ir desejo satisfeito é desejo morto?

Sem ter como explicar como se comportara tão bem diante do beijo roubado ela lhe dá as costas indo sem nenhuma vez ter olhado para trás entretanto adivinhando que o barco agora apenas apenas um ponto indistinto no horizonte Ela quer lhe dizer que é lindo seu riso leve ruflar de amplas asas Dizer que não ama mas que poderia Dizer que ama mas não poderia e que não sabe como fazer para não alterar a convivência e não sentir o que sente e voltar atrás e não lhe dar o livro-presente e não estar de repente escrevendo um texto de desculpas Ela não deveria ter agitado as águas calmas não ela não deveria não com uma pedra redonda jogada de longe ela deveria ter mergulhado sim as patas na água mesmo que isso fosse afogamento ou melhor seria nada nada nada.

[último três ou último um]

Se eu fosse me despedir escreveria um texto como quem escreve sobre um espelho refletido por um outro. Necessário colocar as letras em rotação, escrever como em hebraico, procedendo da direita para a esquerda. Mesmo que não fossem as sagradas escrituras, mas apenas a invenção de um não-acontecimento. Mesmo não tendo consultado você sobre a sua vontade de se despedir, ou de ficar. Eu deixaria sua mão tocar a minha delicadamente, como um roçar, a pulseira de prata tocando o preto do papel que embrulha o segundo livro. Eu tentaria ordenar as falas com algum método, retomando as palavras aprisionadas na prisão de carne da garganta. Eu me lembraria do corpo morto do outro como quem se assombra com a realidade, onde há mães esposas filhas que se despedem na mesma cena perdida, repetida como em um disco de vinil arranhado. Se eu fosse me despedir ignoraria que de fato não fomos mais do que somos, a expressão de um não-acontecimento. *Sine die*, me diria aquela voz que sempre nos via juntos, ao vento no algodoeiro, à mesa de trabalho, aos corredores não cobertos em noite de chuva, ao entorno de um lago perto de um hotel de tempos longínquos. Essa mesma voz me diria: eu os via, mas essas lembranças são apenas suas, *sweet honey*.

Se eu fosse me despedir, você saberia que embora eu nunca diga, este é o dia mais solitário de minha última vida, e que eu postaria um vídeo em minha página pessoal especialmente para marcá-lo. A solidão indelével dos que se acostumaram a esquecer. Se eu fosse me despedir esqueceria que o melhor modo de se livrar de uma tentação é cair nela. Eu apenas pensaria que não consigo mais essa atitude civilizada, essa violência presumida e cordata; a manutenção de uma amizade intelectual que guarda sim o aroma das boas afinidades. Mas que nada será além disso. Eu sairia como alguém que não pode exigir nada, e nem pode ter controle sobre as coisas que acontecem por acaso. Como alguém cuja dor pode ser degolada com uma faca de mesa.

Se eu fosse me despedir apenas entregaria o livro embrulhado de papel preto com pseudosimbolismo de cores sem dizer uma palavra falada, apenas palavras escritas. Se eu fosse me despedir sem me despedir eu esperaria que você, suas mãos quase brancas, seu riso de asas, seus pés nunca vistos, seu peso nunca sentido, se precipitassem sobre mim e não me deixassem de verdade ir. Eu esperaria sabendo que essa última cena não pode ser representada, pois um dos protagonistas não tomou conhecimento de seu papel e não decorou as falas corretas.

Eu daria a você o livro embrulhado de preto com minhas longas mãos magras, mas pequenas como de criança, dedos finos, as sempre unhas pintadas de escuro quase vermelho. Eu olharia as veiazinhas azuis na estreita faixa de pele abaixo dos seus olhos que eu não tenho e talvez retirasse de você, do seu rosto, um cílio partido e perdido no espaço entre os olhos e a boca.

Luciana Borges é professora de Literatura Brasileira na Universidade Federal de Goiás – Campus de Catalão. Atualmente cursa doutorado em Estudos Literários pela UFG. Já publicou poemas e contos em Antologias Literárias e artigos sobre Literatura em revistas acadêmicas.